

ENTREVISTA COM DOUGLAS BOOTH¹

Rafael Fortes²

Resumo Douglas Booth é o decano da Escola de Educação Física, Esportes e Ciências do Exercício e professor de estudos do esporte na Universidade de Otago (Dunedin, Nova Zelândia), onde leciona história do esporte, metodologia científica e disciplinas ligadas a pesquisa. Nesta entrevista, realizada em Sydney (Austrália) em 6 de julho de 2017, durante o congresso Sporting Traditions, ele fala sobre sua carreira, história do esporte, epistemologia e pesquisa em arquivos.

Palavras-chave: História do Esporte. Historiografia. Austrália. Surfe.

Interview with Douglas Booth

Abstract Douglas Booth is the Dean of the School of Physical Education, Sports and Exercise Sciences, and professor of sports studies at the University of Otago (Dunedin, New Zealand), where he teaches the history of sport, and research design and analysis. In this interview, which took place in Sydney (Australia), on July 6, 2017, during the Sporting Traditions conference, he speaks about his career, sports history, epistemology, and research in archives.

Keywords: Sport History. Historiography. Australia. Surfing.

¹ O original em inglês da entrevista está disponível neste número de *Recorde: Revista de História do Esporte*. Tradução para o português feita pelo autor.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: raffortes@hotmail.com. Agradeço ao professor Booth por conceder-me a entrevista.

Rafael Fortes: Você pode começar contando um pouco sobre os seus anos de formação na graduação e pós-graduação?

Douglas Booth: Fiz a graduação em Geografia na Universidade de Melbourne (Austrália). Eu estava interessado em geografia física quando me matriculei, mas depois do primeiro ano me interessei mais por geografia humana. Terminei o curso em geografia política.

Desde muito cedo, quando era estudante secundarista, eu tinha interesse pela África como um lugar físico, cultural e político. E queria ir para lá. Fui para o Sudoeste da África/Namíbia como parte da minha pesquisa de monografia sobre Walvis Bay e, ao final daquele ano, estabeleci o objetivo de voltar ao Sul da África e fazer um mestrado. Mas não sabia o tema específico, só a direção principal. Então fui parar na África do Sul em meados dos anos 1980. Eu dava aulas numa escola de ensino médio em Durban e me matriculei num mestrado na Unidade de Estudos do Desenvolvimento na Universidade de Natal (em Durban).

Minha carreira foi tomando naquela direção. Era a época do boicote esportivo e eu me interessei muito por ele, pois havia praticado diversos esportes quando era adolescente. Eu apoiava o boicote, mas toda a literatura oriunda da África do Sul, ao menos na imprensa dos brancos, se opunha a ele. Comecei a escrever sobre o assunto ao mesmo tempo em que fazia a pós-graduação. Acabei gastando cada vez mais tempo observando o boicote esportivo e decidi que poderia ser um bom tema para um doutorado. Perguntei a alguns acadêmicos em Natal se teriam interesse de orientar uma pesquisa sobre o assunto, mas o sentimento geral era que se tratava de um objeto trivial.

Também fiz contatos na Austrália, o que me levou a trabalhar com Colin Tatz, professor de política na Universidade Macquarie (em Sydney) e, ele mesmo, oriundo da África do Sul. Então, lá pelo fim dos anos 1980 e início dos 1990, meus interesses de investigação haviam mudado da geografia física para a geografia humana, para a geografia política e para a história social.

Terminei meu doutorado e conquistei uma vaga para lecionar história social do esporte na Escola de Educação Física da Universidade de Otago (Dunedin, Nova Zelândia). Portanto, pode-se dizer que minha trajetória de estudante durou cerca de 12 anos.

Quanto tempo você morou na África do Sul?

Vivi seis anos na África do Sul, de 1983 a 1988, com minha esposa [Gaye Booth], que mudou-se comigo da Austrália para lá.

Há quanto tempo você mora e trabalha na Nova Zelândia?

Vinte e quatro anos. Vinte deles foram na Universidade de Otago. Entre 2004 e 2007 estive na Universidade de Waikato. Mudei-me para lá para obter uma promoção para professor [titular]. No final de 2007, retornei a Otago como Decano da Escola de Educação Física (posteriormente, Escola de Educação Física, Esporte e Ciências do Exercício).

Seu livro *The Race Game*³ aborda o surfe uma única vez. Por quê? Quando você se deu conta de que o surfe poderia ser um tema de pesquisa?

Meu interesse acadêmico pelo esporte estava centrado na política; assim começou minha carreira. Não me recordo da referência ao surfe em *The Race Game*, mas, durante o tempo que passei na Unidade de Estudos do Desenvolvimento, as praias em Durban estavam no processo de serem dessegregadas. Esta era uma grande questão em Durban. Dado meu interesse no surfe e nas praias, contratei um assistente de pesquisa, Dennis Mbona, e nós, junto com minha esposa Gaye, fizemos uma pequena pesquisa sobre as posturas em relação à dessegregação racial em três praias em Durban.⁴ Gaye entrevistou frequentadores das praias exclusivas para brancos, eu entrevistei numa praia integrada e Dennis conversou com as pessoas na praia para africanos.⁵ Creio que foi minha primeira pesquisa propriamente dita a respeito das políticas da praia. Eu sequer pensava em surfe [como objeto de pesquisa]. Naquele ponto, meu grande interesse eram as políticas relativas a raça e integração racial; o surfe era apenas uma atividade recreativa pessoal e mal se relacionava com as pesquisas que eu fazia.

Voltei à Austrália para concluir meu doutorado usando todo aquele material que havia coletado na África do Sul ao longo dos anos anteriores. Tendo sido criado na Austrália, eu estava bastante atento às políticas da praia, especialmente às relações hostis entre salva-vidas – mais precisamente, os frequentadores de clubes de salvamento – e surfistas que emergiu nos anos 1960.⁶ Uma questão era o ambiente paramilitar no interior do movimento do salvamento no mar e as tentativas de muitos clubes de exercer controle total sobre as praias, incluindo a fiscalização e imposição de regras bastante estritas com relação ao uso de pranchas. As hostilidades só diminuíram no fim do século XX, com a disseminação do uso de cordinhas, que eliminaram alguns dos riscos que as pranchas traziam para os banhistas. Por volta da mesma época, alguns membros de clubes e surfistas reconheceram seus interesses em comum como *watermen* e *waterwomen*.⁷ Não

³ BOOTH, Douglas. *The Race Game: Sport and Politics in South Africa*. London: Frank Cass, 1998.

⁴ BOOTH, Douglas; MBONA, Dennis. Leisure Relations on the Beach, *Indicator South Africa*, v. 5, n. 3, p. 39-42, 1988.

⁵ No complexo sistema classificatório vigente durante o período do apartheid, as *praias para africanos* [African beaches], em geral poucas e mal localizadas, eram destinadas à população negra, que estava proibida de frequentar para fins de lazer as praias exclusivas para brancos [whites-only]. [Nota do tradutor]

⁶ Para informações sobre o salvamento no mar na Austrália e as disputas em torno do uso da praia, ver os cinco textos que compõem um debate sobre o tema traduzido e publicado em 2012 aqui na revista *Recorde*: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/issue/view/61/showToc>. Acesso em 10 dez. 2017. (NT)

⁷ Os vocábulos têm o mesmo significado e se referem, respectivamente, a homens e mulheres. *Waterman* e *waterwoman* referem-se a alguém que passa muitas horas no

obstante, permanece algum grau de hostilidade. Então, enquanto eu escrevia minha tese de doutorado, comecei a olhar para as políticas da praia australiana. Não consigo focar num só projeto por muito tempo; digamos que gosto de meter a mão em várias massas (diferentes projetos).

Em meados dos anos 1990, eu apresentei meu trabalho sobre o boicote esportivo e sobre as políticas da praia em congressos. Assim que concluí *The Race Game*, que era essencialmente a história social e política do boicote esportivo, baseada em minha tese, comecei a reunir material para um livro sobre as culturas de praia australianas. *Australian Beach Cultures* é uma investigação detalhada da história da descriminalização do banho de mar durante o dia, do desenvolvimento de trajes de banho, com uma maior exposição pública dos corpos que se banhavam, e de mudanças no salvamento no mar e no surfe.⁸ *The Race Game* e *Australian Beach Cultures* foram simplesmente estágios distintos de minhas empreitadas acadêmicas.

Você surfa desde pequeno?

Sim. Aprendi a surfar na costa oeste de Victoria, que provavelmente é mais conhecida por um *pico* de surfe de primeira qualidade, Bell's Beach.⁹ Meus pais tinham uma casa de veraneio em Torquay e aprendi a surfar nas praias de lá. Meus pais me deram minha primeira prancha no meu aniversário de 12 anos.

Surfei bastante em Durban, principalmente em dois locais. Como comentei antes, as praias na África do Sul eram segregadas, mas eu surfava regularmente na praia reservada para os africanos (em frente ao Durban Country Club). A onda era muito boa e havia muito poucos surfistas: os brancos não iam lá, e os africanos não tinham acesso ao esporte (pouquíssimas *townships* – cidades-dormitório para africanos – têm o privilégio do acesso ao mar). Ironicamente, os africanos que frequentavam as praias recebiam extraordinariamente bem os brancos praia deles; mas a recíproca não era verdadeira.[risos] Os africanos não eram bem-vindos nas praias exclusivas para brancos. Meu outro pico de surfe favorito era Brighton, uma praia exclusiva para brancos ao sul do porto de Durban.

Curiosamente, as relações entre surfistas e membros de clubes também eram hostis na África do Sul. Acho que as relações naquele país eram até piores do que na Austrália, porque as praias eram demarcadas por raça e por uso; na forma de pensar sul-africana, cada grupo precisava ter seu próprio espaço – nadadores, banhistas, pescadores, surfistas, praticantes de windsurfe. A utilização do espaço da praia era controlada com rigor, e certamente de forma mais agressiva que na Austrália.

mar, em geral desenvolvendo diversas atividades com fins de trabalho e/ou lazer: pesca; mergulho; caça submarina; natação; esportes com prancha e/ou vela; navegação/velejar ou remar em barcos; salvamento no mar etc. (NT)

⁸ BOOTH, Douglas. *Australian Beach Cultures*. London: Frank Cass, 2001.

⁹ Victoria é um estado australiano cuja capital é Melbourne (NT).

Quanto tempo você levou para fazer a pesquisa e escrever *Australian Beach Cultures*?

Foi bem rápido, na verdade. Eu diria que cerca de cinco anos.

No artigo “Invitation to historians”,¹⁰ há um trecho em que você afirma: “Por exemplo, recentemente entrevistei um grupo de salvavidas octagenários que se encontram todas as manhãs na sede do clube de salvamento de North Bondi para bater papo enquanto tomam café e comem bolo. Eu imediatamente reconheci estes encontros sociais como fundamentais para as identidades deles e, mais ainda, suas vidas. A ocupação privada de espaço público que realizam também configura colonização? À medida que continuava a questionar meu trabalho, fui me tornando cada vez mais cético a respeito do que os historiadores reivindicam saber.”

Você se refere a vários temas e aspectos do trabalho histórico e da escrita histórica que não são reconhecidos ou compreendidos por muitos historiadores do esporte. Posso te afirmar que isto também vale para muitos historiadores que escrevem em português. Vou além: muitos sequer estão cientes destas questões. Como você avalia o impacto dessas proposições – algumas das quais antecipadas no livro *The Field*¹¹ – na história do esporte?

É uma citação interessante, da qual obviamente eu não tinha qualquer lembrança. [risos] Mas é um bom lembrete.

Depois de escrever *Australian Beach Cultures*, eu estava em busca de um novo projeto. Um de meus mentores, John Loy, que é bastante conhecido nos estudos do esporte como um dos fundadores da sociologia do esportes, calhou de estar na Universidade de Otago. Ele sugeriu que eu escrevesse um livro sobre historiografia. Com o incentivo dele, abracei a ideia, o que me levou a rever a forma como conceituo a história. A citação que você destacou identifica a nítida diferença entre os dois tipos de história que escrevi. Minhas histórias sociais pré-2005, como *The Race Game* e *Australian Beach Cultures*, estavam baseadas em política e teoria social; minhas histórias pós-2005, coincidindo com *The Field*, foram inspiradas pela historiografia.

Eu nunca faria uma observação sobre os frequentadores do clube em North Bondi em *Australian Beach Cultures* porque aquele livro se inspirava na história social e em determinadas teorias sociais. De 2005 em diante, fiquei muito mais interessado em historiografia, na prática da história, em teoria da história, e tudo que isso significa. São dois gêneros radicalmente distintos de história. Desde 2005, até mais ou menos 2012, retornei aos trabalhos que eu escrevera como historiador social e coloquei para mim mesmo a seguinte questão: “Como eu

¹⁰ BOOTH, Douglas. Invitation to historians: the historiographical turn of a practicing (sport) historian. *Rethinking History*, v. 18, n. 4, p. 583-598, 2014.

¹¹ BOOTH, Douglas. *The Field: Truth and fiction in sport history*. London: Routledge, 2005.

escreveria este trabalho hoje e qual a diferença?” O trecho que você selecionou é um exemplo bacana, porque, como um historiador social, eu conceituava os velhos frequentadores do clube como colonizadores da praia e argumentava que eles operavam dentro de um quadro institucional que dedicava escassa atenção às suas identidades e relações com a praia para além do uniforme do clube e da sede deste. Desde 2005, adotei uma abordagem muito mais crítica de minhas próprias conceituações, e isso produziu apreciações muito mais simpáticas.

Eu tinha preparado essa pergunta antes de você responder a anterior... Falo desde um ponto de vista muito particular. Primeiro li *The Field*, porque o discutimos em nosso grupo de pesquisa. Depois li *Australian Beach Cultures*, porque estava no doutorado pesquisando revistas de surfe. E aí, há coisa de um ano e meio, li *The Race Game* enquanto estava nos EUA fazendo uma investigação sobre o surfe e o boicote esportivo à África do Sul. Então, por acaso, eu segui a ordem inversa. O que eu queria perguntar é: como tem sido, para você, continuamente rever e reescrever seu trabalho, como você fez em artigos recentes?

Fantástico! Eu adoro! [risos] Essa abordagem reafirma minha posição de que a história é uma narrativa do passado, e que a única maneira pela qual acessamos o passado é por meio de um conjunto de estruturas e circunstâncias bastante subjetivas e mediatas – na falta de uma expressão melhor. Retornar ao meu trabalho, na minha cabeça, reforçou e demonstrou a fragilidade da história. Vamos colocar de forma mais precisa: demonstra a diferença entre a história como uma narrativa do passado e o passado como o que de fato aconteceu. Os historiadores têm acesso a alguns elementos do passado, mas eles nunca conhecerão o passado como de fato era, porque eles têm um acesso mediato ao passado através das fontes que coletam, através das fontes que ignoram ou descartam, através de suas interpretações das fontes, e, como Hayden White e Alun Munslow mostram de forma eloquente, através da figuração e da configuração de suas narrativas. Neste sentido, a história é tanto um projeto empírico-analítico quanto um projeto linguístico. No caso da história do esporte, Murray Phillips demonstrou categoricamente o componente linguístico da história em sua análise de diferentes apresentações do movimento do salvamento no mar na Austrália.¹²

Em que países você fez pesquisa em arquivos? Tem alguma história especial para contar?

Não gosto de trabalhar em arquivos. Demanda esforço físico, é cansativo e chato. Alguns colegas já questionaram se eu jamais estive dentro de um arquivo. Estive. Já passei longas e exaustivas horas em

¹² Ver os textos de Phillips no dossiê mencionado na nota 6. (NT)

arquivos. Um dos períodos mais intensos em arquivos foi trabalhando no meu atual livro, sobre a praia de Bondi,¹³ na Biblioteca Municipal Waverley (em Bondi Junction) e na Biblioteca Estadual de Nova Gales do Sul (em Sydney). Foi muito cansativo, fisicamente, na primeira, porque eu tinha que encontrar o material em uma sala e levá-lo para outra sala para fazer cópias; cada vez que eu queria copiar algo eu tinha que pedir permissão para usar a copiadora (isso foi antes de eu comprar uma câmera digital). Cada cópia custava 20 centavos e o valor tinha que ser pago separadamente por cada cópia. Todo o sistema era estruturado para desestimular uma coleta eficiente de material. O horário de funcionamento era geralmente curto e, portanto, o trabalho era constantemente interrompido. Os bibliotecários não era particularmente acolhedores ou interessados – eles ajudavam de seu próprio jeito, em seus próprios termos, em seus próprios tempos. Obviamente, eles recebiam muitas demandas e, sem dúvida, tinham que lidar com lunáticos. Eles não distinguem entre quem é um profissional, quem é um amador, quem está querendo danificar ou roubar o material. Entendo tudo isso, mas é frustrante e irritante se você é a vítima. [risos]

Na Biblioteca Estadual de Nova Gales do Sul, o material é vigiado de perto; você pode usar apenas lápis e se os bibliotecários te veem com uma caneta na mão, eles se enfurecem. Hoje, com o maior acesso à tecnologia digital, incluindo câmeras em telefones, eles não te deixam fotografar o material porque, aparentemente, ele está sujeito a *copyright*. Eles têm materiais muito bons no acervo, eu queria fotografá-los, mas não pude; tive que anotar tudo à mão, o que é um desperdício inacreditável de tempo, e invariavelmente significa que haverá erros e confusões.

Portanto, não sou um grande fã dos arquivos – são apenas mais uma instituição de vigilância.

E depois você ainda tem que digitar tudo...

Sim. O sistema como um todo não é exatamente amigável para o usuário. Escrevi sobre pesquisa em arquivos na revista *Sport in History*, num artigo onde discuto longamente tais problemas.¹⁴ Compartilhei minhas experiências com colegas e eles criticam as mesmas coisas. Um amigo queria usar os arquivos do Automóvel Clube, na Inglaterra, e o porteiro não o deixou entrar porque ele não estava usando gravata. Somente cavalheiros podem entrar naquelas instalações e o que distingue um cavalheiro é a gravata!

Além da Austrália, em que países você pesquisou em arquivos?

Principalmente Austrália. Trabalhei um pouco na Nova Zelândia, no escritório do Comitê Olímpico do país, em Wellington, e na Biblioteca

¹³ Uma das praias mais famosas da Austrália. (NT)

¹⁴ BOOTH, Douglas. Sites of Truth or Metaphors of Power? Refiguring the Archive, *Sport in History*, v. 26, n. 1, p. 91-109, 2006.

Hocken na Universidade de Otago. Os principais locais na Austrália foram a Biblioteca Municipal de Manly (Sydney) e a Biblioteca Waverley. Enquanto estava trabalhando no *Australian Beach Cultures*, passei muitas semanas na Biblioteca Warringah (em Dee Why, Sydney). Também passei um tempo na sede da revista *Tracks*, olhando todas as edições.

É claro que eu gosto da emoção de encontrar uma caixa com material que você sabe que ninguém jamais viu. Já senti essa emoção um par de vezes. Na Biblioteca Warringah, encontrei material tratando de corrupção no Conselho de Warringah, e que tinha um impacto direto no surfe. Na Biblioteca Waverley, encontrei um material muito bom sobre Aub Laidlaw, que foi um salva-vidas muito conhecido (e ex-frequentedor do clube) na praia de Bondi e que tinha uma relação pouco tolerante com o surfe. Então já encontrei material muito legal em arquivos. Mas esses foram meus dois momentos realmente emocionantes; nada com impacto global, mas, no contexto do meu trabalho, esses foram, vamos chamá-los assim, momentos excitantes. [risos]

Como você compara a pesquisa antes e após o advento de câmeras digitais, telefones celulares, scanners etc.?

A tecnologia reduziu parte do trabalho da pesquisa. Não necessariamente reduziu a frustração, porque às vezes a tecnologia não funciona. Você precisa aprender a usá-la. Mas as tecnologias emergentes estão reduzindo um pouco do tédio. Mas, é claro, você continua precisando ir para casa, baixar o material, arquivá-lo e organizá-lo. A tecnologia também facilita muito copiar tudo, em vez de precisar fazer escolhas enquanto se está dentro do arquivo.

Como você estabeleceu a conexão com a Sociedade Norte-Americana para a História do Esporte (NASSH)? Há quantos anos você participa do congresso dela?

Comecei a frequentar congressos da ASSH [Sociedade Australiana para a História do Esporte] em 1989, quando estava fazendo doutorado. Então comecei a trabalhar na Universidade de Otago e, como mencionei antes, meu primeiro mentor lá foi John Loy. Ele era americano e me convenceu a ir à NASSH. No início, fiquei apreensivo. Acho que me preocupei por ter uma expectativa muito alta. Eu previa que o nível dos trabalhos seria muito superior na NASSH. Não obstante uma ou outra apresentação excelente na ASSH, o nível médio é inferior. Isto, claro, foi antes de eu ter confiança de publicar. Eu já havia tido alguns artigos aceitos, mas nada muito substancial. Então estava um pouco apreensivo. Minha primeira NASSH foi em 1996 (Auburn/EUA), quando apresentei sobre a Copa do Mundo de rugby realizada no ano anterior na África do Sul. Minha sessão tinha um comentarista. Ele foi muito, muito crítico com as primeiras duas apresentações. Eu fora o terceiro a falar, e pensei: “Ok, isso vai ser interessante”. Ele chegou no meu

trabalho e basicamente não tinha nada crítico a dizer. Fiquei muito aliviado e pensei: “Ok, eu posso fazer parte disso aqui”. Minha confiança aumentou. Fiquei muito feliz de voltar e de seguir participando.

Também lembro claramente do congresso de 1998, em Windsor (Canadá), que teve a participação de Tony Mason, o famoso historiador do esporte britânico. Tony estava na minha sessão, onde apresentei sobre o salvamento no mar na Austrália. Depois da sessão, alguém me disse, já no corredor: “Eu não acho que você abordou X [alguma questão, não lembro qual] muito bem”. Antes que eu pudesse responder, Tony chegou junto e disse: “Acho que ele cobriu isso, sim”. Ora, ter alguém da reputação de Tony endossando minha apresentação, naquele ponto da minha carreira, aumentou muito a minha confiança. Foi assim que tudo começou com a NASSH.

Fui a onze congressos seguidos da NASSH, até 2007. Desde então, fui em 2012, 2013 e 2015. Como decano, tem sido um pouco mais difícil comparecer. Espero retornar com mais frequência no futuro.

Você vê mudanças no campo da história do esporte desde 2005, quando *The Field* foi publicado?

Nos últimos cinco anos tenho testemunhado uma maior adoção da historiografia, de questões culturais e de indagações e preocupações a respeito da representação do passado. Quando *The Field* foi publicado, Dan Nathan era praticamente a única voz no que diz respeito à escrita de histórias culturais críticas do esporte, que desafiassem o padrão de grandes narrativas de história social.¹⁵ Dan tinha uma compreensão muito boa de historiografia e ele foi um dos primeiros a produzir um estudo monográfico lidando com o que poderia ser chamado nova história cultural do esporte, que lançava questões sobre representar o passado. Nos últimos anos, essa abordagem, ou estilo, ou gênero, cresceu bastante. Ano passado (2016), Rita Liberti e Maureen Smith ganharam o prêmio de melhor livro da NASSH com *(Re)Presentating Wilma Rudolph*.¹⁶ Penso que esse trabalho demarca um ponto de virada na maneira como historiadores do esporte, particularmente na América do Norte, têm abraçado de forma mais crítica a história cultural e as questões historiográficas. Consigo ver mais receptividade para a historiografia e para a teorização da história. Então houve uma mudança considerável.

Em congressos ainda há muita discussão chata sobre “o que constitui a história verdadeira”. A ironia é que aqueles que reivindicam a existência de uma “história verdadeira” parecem crer que a História é uma disciplina unívoca. Eles rejeitam os que distinguem diferentes gêneros de história. Claro, isto é simplesmente uma estratégia para garantir um ramo específico da história do esporte dentro do panteão de

¹⁵ NATHAN, Daniel. *Saying It's So: A Cultural History of the Black Sox Scandal*. Champaign: University of Illinois Press, 2005.

¹⁶ LIBERTI, Rita; SMITH, Maureen M. *(Re)Presenting Wilma Rudolph*. Syracuse: Syracuse University Press, 2015.

abordagens. Em *The Field*, eu demonstro a diversidade da história. Obviamente, nem todas as abordagens têm a mesma validade em todas as circunstâncias, mas todas elas têm utilidade em distintos casos. A história do esporte, como qualquer outro subcampo da História, é uma igreja aberta, com associações profissionais próprias, como BSSH [Sociedade Britânica para a História do Esporte], ASSH e NASSH, que aceitam tranquilamente abordagens distintas.

Sinto que houve uma deturpação do que fizeram e estão fazendo a virada cultural e a virada historiográfica na história do esporte. A História, como disciplina, está mudando. E vai continuar a mudar. Nós não deveríamos ignorar que o que estamos fazendo agora será criticado dentro de dez ou vinte anos e será considerado obsoleto, tal qual nós agora questionamos e desafiamos abordagens anteriores da história. Todas as disciplinas estão em movimento e mudando. Eu só espero conseguir me manter a par, acompanhar as mudanças e, quem sabe, contribuir para novos rumos. Esse deveria ser o objetivo principal de todos, em vez de tentar defender um tipo de história como o único que importa.

Você tem comentários sobre a história do surfe?

Acho que a história do surfe está numa conjuntura interessante. Uma porção de acadêmicos, particularmente geógrafos e sociólogos, estão pesquisando surfe. Tais pesquisadores estão reformulando as histórias populares do surfe que foram produzidas por, talvez, apenas meia-dúzia de pessoas – Phil Jarratt, Matt Warshaw, Drew Kampion, Sam George, Tim Baker. Esses autores, muitos dos quais com experiência em jornalismo, produziram a maioria das grandes narrativas que são a base de nossa compreensão do surfe. Percebo uma tensão emergindo entre as histórias do surfe populares e as acadêmicas. Isto já é evidente, por exemplo, em discussões sobre localismo no Havaí e gênero no surfe. Suspeito que essa tensão só vai aumentar.¹⁷

Uma das coisas que eu gostaria de fazer – não sei se farei, mas gostaria de ver alguém fazer – é analisar as histórias e os historiadores populares do surfe e sua influência na compreensão geral da história do surfe. Como falei, desconfio que apenas meia-dúzia de autores – surfistas jornalistas – moldaram a compreensão popular do surfe.

Como está indo o livro sobre a praia de Bondi?

Está indo bem. [risos] Tenho um rascunho básico e, provavelmente, quatro capítulos prontos para enviar. Estou trabalhando em cinco ou seis capítulos no total. Esse [livro] é difícil de escrever. Essencialmente, tenho que escrever o trabalho três vezes: como uma história social tradicional, como uma crítica desta história social (quer dizer, identificando os limites e deficiências deste gênero de história) e como

¹⁷ Ver, por exemplo: WALKER, Isaiah. *Waves of Resistance*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2011; COMER, Krista. *Surfer Girls in the New World Order*. Durham: Duke University Press, 2010.

uma narrativa “em primeira pessoa”. Se o texto fosse simplesmente uma história social tradicional, eu teria completado o livro há três anos. A abordagem “em primeira pessoa” (na falta de um rótulo melhor) é uma narrativa baseada no que a praia, Bondi Beach, escreveria se ela fosse a autora. Não escrevi muito dessa última seção, mas separei para ela apenas 20 mil palavras e acho que consigo fazer bem rápido assim que eu colocar a cabeça no lugar certo. [risos]

Além dos assuntos que pesquisa, você gosta de ler o quê, em termos de literatura acadêmica?

Muitas das minhas ideias vêm das literaturas de Sociologia e Teoria Social. A maior parte das minhas leituras é o que eu chamo questões atuais através de jornais diários. Leio o *New York Times*, o *Sydney Morning Herald* e o *New Zealand Herald* todos os dias, especialmente as seções de opinião e os artigos mais aprofundados. Os diários fornecem um material muito rico para o ensino e a pesquisa, e me mantém a par do que está acontecendo com relação às questões políticas e sociais.